

De Loyola a Manresa pelo Caminho Inaciano

Por David R. Brock, setembro de 2022

Durante a minha peregrinação de Loyola a Manresa, em Espanha, na primavera passada, foi-nos mostrada uma obra de arte da catedral criada em honra de Santo Inácio de Loyola. A obra continha vários círculos grandes. O nosso guia, o padre jesuíta José Luis Iriberry, disse que ninguém sabe exatamente o que representam os círculos. Expliquei a minha teoria: que tem algo a ver com o desporto, provavelmente um precursor do jogo que hoje conhecemos como basquetebol! Não o convenci, mas ele sorriu com a minha hipótese.

O meu primeiro conhecimento dos Jesuítas, antes de saber qualquer coisa sobre Inácio, ou sobre a Companhia de Jesus, foi graças ao basquetebol da NCAA. As potências do roundball ao longo das décadas incluíam equipas de Georgetown, Marquette, Loyola Chicago, Xavier e, atualmente, Creighton e Gonzaga. Continuo a afirmar que a obra de arte que vimos está relacionada com a proeza dos jesuítas nas universidades modernas.

Mais tarde, soube que estes mesmos colégios, e muitos mais, estavam também entre as melhores instituições académicas dos Estados Unidos. Descobri que para se tornar padre jesuíta era necessário uma prática espiritual disciplinada, aprender a viver em comunidade e obter diplomas em filosofia e teologia, o que representava um período de preparação de 8-13 anos antes da ordenação. O rigoroso estudo espiritual e académico, que se desenvolveu a partir do longo e difícil período de aprendizagem de Inácio, incluía frequentemente a conclusão de um doutoramento adicional.

A familiaridade com os jesuítas incluía a poesia do padre Gerard Manley Hopkins que, como muitos de vós sabem, escreveu:

O mundo está carregado da grandeza de Deus.

*Ela irá arder, como o brilho de uma folha de
alumínio;*

Ele se junta a uma grandeza, como a gota de óleo

Esmagado....

E embora as últimas luzes do Oeste negro se tenham apagado

Oh, a manhã, na beira castanha a leste, brota - Porque o

Espírito Santo sobre a curva

O mundo choca com o peito quente e com as asas brilhantes.

(tradução não oficial)

O mundo está cheio da grandeza de Deus.

Vai arder, como o brilho de uma folha de alumínio agitada;

Acumula-se a uma grandeza, como o óleo a escorrer Aplastada....

E embora as últimas luzes do oeste negro tenham desaparecido

Oh, amanhã, na fronteira castanha a leste, nascem -

Porque o Espírito Santo sobre a curva O
mundo medita com o peito quente e com as asas brilhantes

Depois, houve o paleontólogo Pierre Teilhard de Chardin, um padre jesuíta:

Um dia, depois de termos dominado os ventos, as ondas, as marés e a gravidade, aproveitaremos para Deus as energias do amor, e então, pela segunda vez na história do mundo, o homem terá descoberto o fogo.

Não somos seres humanos a ter uma experiência espiritual. Somos seres espirituais a ter uma experiência humana.

*Acima de tudo, confie na lenta ação de Deus.
É natural que sejamos impacientes em tudo
para chegar ao fim sem demora.*

(Tradução não oficial)

Um dia, depois de dominarmos os ventos, as ondas, as marés e a gravidade, aproveitaremos as energias do amor a Deus, e então, pela segunda vez na história do mundo, o homem terá descoberto o fogo.

Não somos seres humanos a viver uma experiência espiritual. Somos seres espirituais a viver uma experiência humana.

Acima de tudo, confiar na lentidão de Deus.
Somos naturalmente impacientes em tudo,
procurando chegar ao fim sem demora.

No seminário, estava sempre a ver notícias sobre o Superior Geral que serviu os Jesuítas de 1965 a 1983. O Padre Pedro Arrupe foi uma voz profética durante as convulsões do Concílio Vaticano II na década de 1960, um defensor dos pobres e dos oprimidos nas décadas de 1970 e 1980, mesmo quando a sua posição resultou no martírio de padres e freiras. Por causa das suas reformas, Arrupe foi, depois de Inácio, conhecido como o segundo fundador da Companhia de Jesus.

Com este conhecimento superficial sobre a Companhia de Jesus e sobre alguns membros bem conhecidos da Ordem, pareceu-me essencial saber mais sobre Inácio de Loyola, o primeiro jesuíta.

Durante os estudos de direção espiritual no Mt. Carmel Spiritual Centre em Niagara Falls, Canadá, em 2010-2012, fiquei a conhecer um pouco melhor este 13º filho da família Loyola. Esse jovem "...arrojado, hábil dançarino, mulherengo, sensível aos insultos e espadachim e punquista rude e desastrado.... [que utilizou o seu estatuto privilegiado para escapar a uma ação penal por crimes violentos..."]

Mas conhecemo-lo hoje porque passou por uma transformação dramática e entrou num caminho de compaixão e serviço como um dos mais devotos seguidores de Jesus na história. Alguns de vós podem já estar familiarizados com a sua história, se não, ver www.Jesuits.org ou Wikipedia ou a sua Autobiografia, "The Pilgrim".

O cerne da sua conversão foi o desenvolvimento, a prática e a orientação de outros nos Exercícios Espirituais. Todos os jesuítas completam essa prática várias vezes na sua vida. Desde a década de

1980, os Exercícios foram experimentados [feitos, como se diz] por leigos e clérigos de muitas denominações.

Neste 500º ano da "conversão em bala de canhão" (2022) de Inácio, como alguns lhe chamaram, pareceu-me oportuno aprender ainda mais sobre a vida do primeiro jesuíta. Nesse ano de 1522, Inácio percorreu cerca de 400 milhas a cavalo e a pé, desde Loyola até Montserrat e Manresa. A peregrinação, uma prática comum nessa altura, e cada vez mais nos dias de hoje, mudou a sua vida. A sua subsequente viagem com Jesus (incluindo uma peregrinação de Barcelona a Jerusalém) mudou a vida de muitas pessoas em muitas nações do mundo.

Na última noite da nossa peregrinação, em maio de 2022, reunimo-nos para um período final de adoração e reflexão no Centro Jesuíta de Manresa. Disse ao grupo de 24 peregrinos como tinha sido significativo conhecer a sua infância, a sua carreira militar, o ferimento que lhe mudou a vida em batalha, os anos de peregrinação e disciplina espiritual que culminaram na redação dos Exercícios Espirituais.

Mas perguntei-me em voz alta se haveria uma peregrinação de pessoas mais velhas como eu (com mais de 60 e 70 anos) que seguiriam os passos de Inácio nos seus últimos anos. E todas aquelas décadas em Roma?

- os inúmeros passos para estabelecer e obter a aprovação da Companhia de Jesus pelo Papa Paulo III em 1540.
- os anos de assistência aos pobres, individualmente e através de organizações estabelecidas para o seu bem-estar,
- a fundação de estabelecimentos de ensino em numerosos países (35 escolas na altura da sua morte, quase 400 sessenta anos mais tarde).
- os desafios do acolhimento e da formação dos sacerdotes (cerca de 1.000 à data da sua morte),
- o aperfeiçoamento das capacidades pessoais para ganhar a confiança dos Papas e dos Cardeais,
- a capacidade de perdoar e fazer amizade com os inimigos que o aprisionaram 3 vezes e tentaram destruí-lo e à Empresa.

O que é que os últimos anos da sua vida podem orientar os peregrinos, como eu, na minha própria mudança de estação, do outono para o inverno? As minhas perguntas são agora diferentes das do novo convertido ou do administrador ocupado. Aos 70 anos, pergunto-me:

O que é que o envelhecimento vai fazer comigo, com o meu corpo, com a minha opinião, serei importante para alguém, serei um fardo, como é que vou morrer...? Apesar dos cabelos brancos e da flacidez [diz Kathleen Dowling Singh], muitos de nós continuam a agarrar-se infantilmente a tanta coisa irreal e não essencial. Muitos de nós ainda se agarram à reputação, à segurança imaginada, a hábitos de atitude e comportamento não examinados e à autoimagem. Temos uma profunda aversão a que todas as nossas queridas ilusões sejam desfeitas pela aparente indiferença da vida. O que posso aprender com os últimos anos da vida de Inácio?

No final da minha viagem de peregrinação na primavera passada, por muito significativa que tenha sido, também queria caminhar com o Inácio descrito na biografia de Mary Purcell, *The First Jesuit*.

... era um homem de baixa estatura, com apenas um metro e oitenta de altura, e ... a sua voz era "fina e delicada". No final da sua vida, tinha tendência para engordar. O cabelo que outrora lhe "caía até aos ombros, castanho e belo", tinha-se desvanecido para "a cor do trigo maduro" [358]. "A julgar pelos padrões humanos, o nosso Pai não era muito bonito" [359].

Os seus olhos eram brilhantes, com um olhar penetrante que se lia de ponta a ponta, mas a sua modéstia raramente lhe permitia levantá-los. [359].

O sorriso e o riso parecem surgir-lhe tão facilmente como as lágrimas, e "a alegria brotava-lhe à vista dos Padres [os padres jesuítas], de tal modo que lhe era difícil manter a atitude séria que ele próprio tinha estabelecido nas Constituições; por vezes um sorriso ou uma gargalhada escapavam-lhe dos lábios, apesar do seu autodomínio..."[359].

Mas a minha peregrinação começou no início, como devia. Na manhã fresca e enevoadada de 1 de maio de 2022, encontrámo-nos no local de nascimento de Inácio em 1491, 531 anos antes. Estávamos a caminhar sobre o chão de pedra onde ele aprendeu a gatinhar, a andar e depois a correr, no complexo da família Loyola, construído na beleza da paisagem acidentada do País Basco, em Espanha.

Naquela fortaleza familiar, agora encerrada numa magnífica basílica com o nome de Santo Inácio, parámos na cozinha onde ele comia e onde certamente formou grande parte da sua identidade. Conhecemos as sementes selvagens lançadas na sua juventude. Conhecemos os seus desregramentos na idade adulta, que ele descreve na terceira pessoa na sua autobiografia: *"Até aos vinte e seis anos, foi um homem dado às vaidades mundanas e costumava deleitar-se especialmente com proezas de armas, estando cheio de um grande e vão desejo de fama" [19].*

Ficámos a saber pormenores sobre o ferimento quase fatal de bala de canhão que lhe destruiu a perna numa batalha perdida contra os franceses em Pamplona, em maio de 1521. Vimos a cama, coroada por um dossel vermelho com franjas douradas, que foi o seu lugar de residência durante muitos meses, durante uma longa e agonizante recuperação. Recordou-nos que foi naquele quarto e naquela cama que leu a vida dos santos e a história de Jesus, e que o Espírito Santo iniciou a transformação de Inácio de um soldado bem conceituado num mendigo, dependente da graça da Mãe Maria e do seu Filho Salvador.

Depois, fizemos uma pausa nas lições de história, no museu e no passeio pelo impressionante santuário da basílica para nos sentarmos em silêncio e considerarmos as nossas próprias histórias, as nossas próprias odisséias. No silêncio, fomos convidados a considerar o amor incondicional de Deus e a refletir sobre as perguntas: "Quem é Deus para mim?", "Como é que Deus me vê?", "Que preocupações ou medos quero deixar de lado ao iniciar esta peregrinação?".

Talvez devêssemos ficar por aqui e passar o resto da manhã a refletir sobre estas três questões. Inácio recomendaria certamente essa prática. "Não se trata de mim", diria ele. "Não se trata da minha peregrinação. Trata-se da tua caminhada ao longo da vida com Jesus. Trata-se de seres criado para louvar, reverenciar e amar a Deus".

Naquela tarde, caminhámos até locais nas proximidades de Azpeitia importantes para a vida de Inácio: a ermida da Virgem de Olatz, um albergue para viajantes que também servia de hospital para os doentes (La Magdalena), a igreja paroquial (San Sebastián de Soreasu), um convento no interior das muralhas da cidade que Inácio teria conhecido no seu tempo. Depois, Carolyn e eu caminhámos ao longo do rio Urola de volta à nossa casa em

hóspedes do convento (ordem religiosa de Jesus Maria). Numa tarde tranquila de domingo, o som das crianças num parque vizinho era transmitido pela brisa fresca da noite.

A Irmã Janice conduziu um momento de adoração e reflexão, seguido de um passeio com a Carolyn pela colina atrás do convento, enquanto o sol se punha no primeiro dia completo da nossa viagem de peregrinação. Depois, um jantar simples de peixe e sopa de pão às 8:30 (uma hora adiantada para comer para a maioria dos espanhóis) e depois a cama.

Nos dias seguintes, seguimos um ritmo semelhante, a caminho de Montserrat, Manresa e, finalmente, Barcelona: visitas a catedrais e paróquias, a ermidas e albergues, alguns existentes no tempo de Inácio, outros construídos em séculos posteriores para comemorar a sua vida e ministério.

Por vezes, viajámos de autocarro. Caminhámos durante quilómetros pelas mesmas estradas e caminhos por onde Inácio andou a cavalo ou a pé em 1522. Comemos juntos. Partilhámos a Eucaristia todos os dias. Recordámos acontecimentos da vida de Jesus descritos por Inácio em Os Exercícios Espirituais.

Algumas das crenças e práticas de Inácio como católico espanhol do século XVI não me edificam, particularmente nos seus primeiros anos. De modo algum! A autoflagelação e o vestuário grosseiro, por exemplo; a penitência pela dor através de jejum excessivo, ajoelhamento e privação de sono; o sacrifício e o sofrimento como pré-requisitos para o perdão.

Intriga-me a perspetiva teológica que conduziu a uma história frequentemente contada sobre a sua peregrinação. Em Luceni (região de Aragão), Inácio encontra um mouro, um muçulmano, que montava uma mula, como nos recorda a estátua na rua. Os dois iniciam uma conversa que logo se transforma no tema da Virgem Maria. O mouro acredita que a Virgem concebeu sem intervenção humana, mas não consegue acreditar que ela tenha permanecido virgem depois do parto. A discussão prolongou-se até se separarem numa encruzilhada, sem conseguirem convencer o outro do seu ponto de vista.

Enquanto viajava, Inácio sentiu, como um novo convertido entusiasmado, que tinha falhado com Maria. Ficou zangado consigo próprio e decidiu que era obrigado a defender a sua honra; que era seu dever dar ao mouro "o gosto do seu punhal". Na sua autobiografia, Inácio cita as palavras de um rei de França sobre como lidar com um blasfemo: "Senhores, quando ouvirdes alguém amaldiçoar a fé cristã, defendei a fé não com palavras, mas com a espada, enfiando-a o mais fundo possível no ventre do incrédulo."

Mas Inácio tinha dúvidas. Discutiu consigo próprio sobre o que era a coisa certa a fazer. Na encruzilhada onde o muçulmano e Inácio se tinham desviado, decidiu deixar o seu cavalo discernir o que fazer, dando-lhe rédea solta. Se o cavalo tomasse o caminho que conduzia à aldeia, Inácio perseguiria o mouro e matá-lo-ia. Se o animal ficasse na estrada, deixava o mouro fugir. Aconteceu que, por "providência de Deus", como Inácio descreveu, a mula ficou na estrada real e o homem foi salvo.

Meses depois, Inácio chegou a Mont-Serrat, "A Montanha Serrilhada", como era conhecido o famoso local de peregrinação. Aí decidiu abandonar o seu cavalo, as suas botas, a sua espada e trocar as suas roupas finas por roupas de mendigo. Na noite de 24 de março de 1522, viu um mendigo na estrada. Despe as suas roupas caras, veste o seu manto de peregrino e passa a noite ajoelhado diante do altar dedicado à Virgem.

Por vezes, as boas decisões têm consequências dolorosas, apesar das nossas melhores intenções. Talvez seja capaz de contar histórias da sua própria vida. O encontro de Inácio com o mendigo foi uma dessas experiências. No dia seguinte, depois de ter dado as suas roupas ao mendigo, um homem veio a correr ter com ele a cerca de 5 quilómetros de Montserrat e perguntou-lhe se Inácio tinha dado as suas belas roupas a um mendigo. Ele reconhece que sim. O homem informa Inácio que o mendigo, falsamente acusado de roubo, foi espancado e maltratado pelas autoridades locais. Chorou pelo mendigo e lamentou as consequências do que tinha feito para o bem.

De Montserrat, nós, peregrinos, juntámo-nos a Inácio, agora a pé, como diz a história, para descer a montanha até Manresa. Manresa tornou-se o principal local das suas iluminações junto ao rio Cardener. Foi aqui que recebeu a direção espiritual de clérigos experientes. Foi o lugar onde iniciou os Exercícios Espirituais na gruta onde meditava.

Um dia, enquanto estávamos no Centro Jesuíta de Manresa, foi-nos dado tempo para refletir, contemplar ou explorar a cidade velha. Eu escolhi ir a uma "gruta" de meditação, construída pelo homem e coberta de plexiglas. É um lugar de silêncio construído para recordar a gruta vizinha onde Inácio praticava as suas disciplinas e escrevia. Durante mais de uma hora, fiquei simplesmente sentado em silêncio, contemplando a vista emoldurada de Montserrat ao longe.

Não houve iluminações ou visões. Nenhuma "Palavra do Senhor" audível veio até mim. Não senti nenhuma clareza de discernimento em relação a uma direção futura importante para a minha vida. Acima de tudo, senti-me grato por poder simplesmente sentar-me no silêncio e contemplar a beleza do campo catalão e os picos de Montserrat que se erguiam ao longe.

Durante aquela hora, revi lugares e acontecimentos daqueles 10 dias de peregrinação com companheiros de viagem. Recordei também décadas de aprendizagem, ensino e viagens a outras nações e perguntei-me como é que tudo aquilo podia ter acontecido a um rapaz do Midwest como eu.

Bênçãos recebidas, sacudidas e transbordantes. Uma generosidade sem limites e incomensurável. Foi isso que senti e pensei naquela gruta. E na gruta de Elias, onde ele ouviu a voz suave e mansa; no estábulo, possivelmente uma gruta, onde nasceu o Messias; na gruta vizinha de Inácio, onde ele praticou a ascese e se aprofundou em sabedoria e clareza de vocação. Mas, esta gruta, era a minha gruta no final da minha peregrinação. Um lugar de beleza. Uma lembrança de um rico legado de fé.

Não sei tanto quanto gostaria sobre as últimas décadas de Inácio, mas sei, em parte devido ao tempo que passei na "caverna", que, nos meus últimos anos, como diz James Finley:

Amadurecemos em santidade e realização espiritual à medida que aprendemos a sentar-nos ao sol da presença misteriosa e sustentadora de Deus, que energiza e guia os nossos esforços, levando-nos a domínios de graça que estão para além, muito para além, de qualquer coisa que possamos alcançar apenas com os nossos próprios esforços...

(Tradução não oficial)

Amadurecemos em santidade e plenitude espiritual à medida que aprendemos a sentar-nos ao sol da presença misteriosa e sustentadora de Deus, que energiza e guia os nossos esforços, atraindo-nos para domínios de graça que estão para além, muito para além, de qualquer coisa que possamos alcançar apenas com os nossos próprios esforços....

Com Joan Chittister, posso afirmar:

Este é o período da vida em que temos de começar a olhar para dentro dos nossos próprios corações e almas, e não para fora de nós próprios, à procura de respostas para os nossos problemas, para a resolução dos problemas. Este é o momento de nos enfrentarmos a nós próprios, de nos trazermos para a luz.

Podemos sorrir para o que não sorrimos há anos? Podemos dar-nos àqueles que precisam de nós? Podemos dizer a nossa verdade sem precisar de ter razão e aceitar os caprichos da vida agora - sem precisar que todo o resto do mundo nos envolva para além de qualquer justificação humana para o esperar? Podemos falar com as pessoas de forma decente e permitir que elas falem connosco? -Joan Chittister, The Gift of Years: Growing Older Gracefully (Nova Iorque: BlueBridge, 2008).

(Tradução não oficial)

Este é o período da vida em que temos de começar a olhar para dentro dos nossos próprios corações e almas, em vez de procurarmos fora de nós as respostas para os nossos problemas, a solução para os problemas. Este é o momento de nos enfrentarmos, de nos trazermos para a luz.

Podemos sorrir para aquilo que não sorrimos há anos? Podemos dar-nos a quem precisa de nós? Podemos dizer a nossa verdade sem precisar de ter razão e aceitar os caprichos da vida agora, sem precisar que o resto do mundo nos envolva para além de qualquer justificação humana para o esperar? Podemos falar com as pessoas decentemente e permitir que elas falem connosco?

O padre franciscano Richard Rohr acrescenta a sabedoria da peregrinação da sua própria vida.

Se quisermos falar de uma *espiritualidade* de amadurecimento, temos de reconhecer que ela é sempre caracterizada por uma tolerância crescente à ambiguidade, um sentido crescente de subtileza, uma capacidade cada vez maior de incluir e permitir, e uma capacidade de viver com contradições e até de as amar! -Richard Rohr

(Tradução não oficial)

Se quisermos falar de uma espiritualidade em amadurecimento, temos de reconhecer que ela é sempre caracterizada por uma tolerância crescente à ambiguidade, um sentido crescente de subtileza, uma capacidade crescente de incluir e permitir, e uma capacidade de viver com as contradições e até de as amar!

As minhas palavras e imagens de hoje são obviamente muito mais sobre mim do que sobre o Inácio, ou talvez sejam mais sobre o Sagrado, Deus que dá amor sem medida, a mim, a ti, e sim também ao Inácio e a toda a criação. Somos imperfeitos e falíveis. E também portadores de tanta verdade, beleza e bondade.

E, no entanto, Inácio merece algumas palavras ao concluir a minha reflexão sobre o Caminho Inaciano. É assim que Mary Purcell resume a sua vida na sua biografia do Santo de Loyola, cujas cartas e erudição eram escassas e cuja atividade introspectiva era, de resto, extraordinariamente intensa.

"Os Exercícios Espirituais, as Constituições Jesuítas, a Autobiografia, as poucas páginas salvas [sic] do seu Diário Espiritual íntimo e quase sete mil cartas, algumas das quais muito extensas, condensam a essência da sua alma privilegiada. E mesmo que não tivesse deixado nenhuma palavra escrita, deixou impresso na sua Ordem o cunho inconfundível e indelével da sua vontade indomável, do seu zelo sem limites e da sua ambição de ganhar o mundo inteiro "para Deus Nosso Senhor". [O PRIMEIRO JESUÍTA, 372].

(Tradução não oficial)

"Os Exercícios Espirituais, as Constituições Jesuítas, a Autobiografia, as poucas páginas guardadas [sic] do seu Diário Espiritual íntimo e quase sete mil cartas, algumas de grande extensão, condensam a essência da sua alma privilegiada. E embora não tenha deixado nenhuma palavra escrita, deixou na sua ordem a marca inconfundível e indelével da sua vontade indomável, do seu zelo e ambição sem limites de ganhar o mundo inteiro "para Deus Nosso Senhor".